

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Escola de Enfermagem e de Saúde Coletiva
Bacharelado em Saúde Coletiva

**A EXPERIÊNCIA DE ESTAGIAR NO PROGRAMA DE VIGILÂNCIA
EPIDEMIOLÓGICA DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO
ALEGRE (HCPA): UM RELATO**

Juliane Antunes Bauer Martins

Porto Alegre
2024

Juliane Antunes Bauer Martins

**A EXPERIÊNCIA DE ESTAGIAR NO PROGRAMA DE VIGILÂNCIA
EPIDEMIOLÓGICA DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO
ALEGRE (HCPA): UM RELATO**

Trabalho de conclusão de curso, produzido em formato de artigo científico, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Saúde Coletiva, junto à Escola de Enfermagem e de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Cristianne Maria Famer Rocha

Porto Alegre
2024

Resumo

O presente artigo relata a experiência da primeira acadêmica do Bacharelado em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em estagiar no Programa de Vigilância Epidemiológica (VIGEPEH) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA). Ressalta o desafio e a alegria de ser a primeira estagiária a atuar no VIGEPEH, e todos os aspectos que trilhou, no processo de aperfeiçoamento das demandas de notificação do Programa no Hospital. No relato, é detalhado o acompanhamento do processo de estruturação do Programa, e aborda o ponto de vista da prática profissional da estudante de Saúde Coletiva no seu campo de estágio, e a importância de refletir sobre a prática acadêmica no âmbito da Vigilância Epidemiológica. O estágio foi realizado de agosto a outubro de 2022, e esteve sob supervisão da epidemiologista e professora da Escola de Enfermagem e de Saúde Coletiva, Profa. Dra. Mariur Gomes Beghetto, Coordenadora do Programa, e sob orientação da Profa. Dra. Maria Gabriela Curubeto Godoy, do Bacharelado em Saúde Coletiva. A experiência contemplou a carga horária obrigatória do estágio no eixo de Vigilância, Promoção e Educação em Saúde.

Palavras-chave: Vigilância Epidemiológica; Saúde Coletiva; Estágio; Relato de experiência.

Introdução

O Programa de Vigilância Epidemiológica (VIGEPEH) do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) iniciou suas atividades recentemente. Portanto, o Programa ainda está em processo de estruturação e desenvolvimento. A responsável pelo início das atividades do Programa foi a epidemiologista Profa. Dra. Mariur Gomes Beghetto, do Curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e atual coordenadora do VIGEPEH-HCPA. No começo das atividades, o Programa não possuía espaço físico, por esse motivo, a Profa. Mariur usava o seu computador pessoal para realizar as tarefas designadas ao Setor. Somente em 2022, o Programa ganhou um espaço físico, onde permanece até o momento.

O VIGEPEH encontra-se localizado em uma sala no segundo andar do antigo prédio do Hospital, ao lado do Setor de Assistência Social, e próximo à direção do HCPA. Possui uma bancada em formato 'L', com dois computadores e quatro cadeiras pretas, e também conta com dois armários de metal, um telefone, e uma grande janela de vidro, por onde se observa o saguão do segundo pavimento e o Anfiteatro Carlos César de Albuquerque. Pela janela, acompanhávamos atentamente diversos eventos culturais e científicos que aconteciam na instituição.

O relato a seguir discorrerá acerca da experiência pessoal da acadêmica do Bacharelado em Saúde Coletiva, vivida ao longo do período em que realizou o estágio curricular obrigatório do eixo de Vigilância, Promoção e Educação em Saúde.

Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA)

O HCPA é uma instituição hospitalar pública, e encontra-se localizado no bairro Santa Cecília, em Porto Alegre. O Hospital possui vínculo acadêmico com a UFRGS, e faz parte da rede de hospitais universitários que estão vinculados ao Ministério da Educação.

A história do HCPA iniciou há mais de 50 anos, quando ocorreu a sua inauguração em fevereiro de 1972. A data foi marcada pelo primeiro atendimento do hospital, no ambulatório de Endocrinologia.

Ao longo dos anos, o HCPA se consolidou como um dos melhores hospitais brasileiros, e se tornou referência nacional em ensino e pesquisa. Possui atualmente o total de 836 leitos, sendo 435 leitos em unidades de internação clínicos e cirúrgicos, 46 leitos na unidade de emergência, 72 leitos em centros de tratamento intensivo de adultos e unidade de cuidados coronarianos e 88 leitos em unidade de internação pediátrica. Além de 13 blocos cirúrgicos, 15 centros cirúrgicos ambulatoriais, 4 centros cirúrgicos obstétricos e 154 consultórios ambulatoriais. Tem como missão ser um referencial público em saúde, prestar assistência humanizada e de excelência, gerar conhecimento e inovação e formar pessoas de alta qualificação comprometidas com os valores da instituição. Seus valores são: respeito à pessoa, competência técnica, trabalho em equipe, comprometimento institucional, austeridade, responsabilidade social e transparência.

Em 2022, 578 estágios obrigatórios e não-obrigatórios foram realizados no HCPA, no ano seguinte esse número subiu para 1.000 estágios. O número de funcionários da instituição também aumentou, de 6.215 em 2022 para 6.496 funcionários em 2023. O Hospital possui as seguintes comissões assistenciais: Bioética Clínica, Cateteres, Controle de Infecção Hospitalar, Controle do Tabagismo, Doação de Órgãos e Tecidos para Transplante, Ética em Enfermagem, Ética Médica, Gerência de Risco Sanitário Hospitalar, Indicadores da Enfermagem, Medicina Laboratorial, Material Hospitalar, Medicamentos, Medicamentos Excepcionais e de Fontes Limitadas, Normas e Rotinas, Óbitos, Controle Cirúrgico e Revisão Anatomopatológica, Prevenção de Lesões Decorrentes de Quedas, Prevenção e

Tratamento de Feridas, Prevenção de Riscos de Acidentes com Materiais, Processo de Enfermagem, Prontuários, Proteção Radiológica e Suporte Nutricional.

No ano de 2023, o HCPA recebeu alguns prêmios e destaques, abaixo descritos:

- Hospital amigo do idoso: o HCPA passou a integrar o movimento Sistemas de Saúde Amigos dos Idosos, promovido pelo *Institute for Healthcare Improvement* (IHI) e pela *John A. Hartford Foundation*. O HCPA é a única instituição da latinoamericana a receber o selo;
- Melhor experiência aos usuários: o Hospital foi reconhecido na premiação *Experience Awards*, uma parceria da empresa *SoluCX* com a revista *Exame*;
- *Top of mind*: recebeu destaque como o Hospital mais lembrado pelos porto-alegrenses;
- Um dos mais bem equipados do Brasil: o HCPA está entre os hospitais mais bem equipados do Brasil, de acordo com estudo da *Global Health Intelligence* (GHI);
- Prêmio Mate - Gestão da Inovação: a instituição venceu o Prêmio Mate, na categoria Gestão da Inovação. A premiação é uma iniciativa da Associação Gaúcha de Startups e do Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE/RS);
- Prêmio Amigo do Meio Ambiente: o HCPA foi uma das instituições destaque no Prêmio Amigo do Meio Ambiente, da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo.

Vigilância Epidemiológica

A Vigilância Epidemiológica é uma área da gestão em saúde pública, é responsável por todos os aspectos envolvidos na situação epidemiológica do país. Atua na investigação e controle de doenças específicas e no monitoramento de doenças e agravos de notificação compulsória. Tem poder de ação fundamental e decisivo, sobretudo em um contexto de epidemias, realizando ações de avaliação de risco, orientações de prevenção e controle, análise de perfil epidemiológico, emissão de alertas e disseminação de informações. Exerce um papel decisivo na gestão, com ações de avaliação de risco, planos de contingência e orientações de prevenção. Fica sob responsabilidade da vigilância epidemiológica a publicação do documento

chamado Boletim Epidemiológico, este documento tem caráter técnico e é publicado eletronicamente. Nele, encontram-se relatos e orientações para o monitoramento e investigação de agravos específicos, com objetivo de colaborar com ações de prevenção no país. É parte essencial da gestão e funcionamento do Sistema Único de Saúde, portanto, tornou-se um conhecimento indispensável no processo de aprendizado do graduando em Saúde Coletiva e na sua trajetória acadêmica.

O Ministério da Saúde criou o Sistema Nacional de Vigilância Epidemiológica a partir da Lei n. 6.259/1975 (Brasil, 1975) e do Decreto n. 78.231/1976 (Brasil, 1976).

Com isso, foi instituída uma legislação específica sobre vigilância epidemiológica, onde reuniu-se documentos técnicos com orientações acerca do assunto, além da criação da lista de doenças de notificação compulsória. A Vigilância Epidemiológica aparece na Lei 8.080/90 descrita da seguinte maneira: “entende-se por vigilância epidemiológica um conjunto de ações que proporcionam o conhecimento, a detecção ou prevenção de qualquer mudança nos fatores determinantes e condicionantes de saúde individual ou coletiva, com a finalidade de recomendar e adotar as medidas de prevenção e controle das doenças ou agravos”. (Brasil, 1990, art.6º, §1º).

A história da Vigilância Epidemiológica começa em 1965, quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) cria a Unidade de Vigilância Epidemiológica da Divisão de Doenças Transmissíveis, porém o conceito só foi consolidado na Assembleia Mundial da Saúde, que ocorreu em 1968, quando entendeu-se que Vigilância Epidemiológica era uma referência a todas doenças e agravos de interesse público, para além de somente doenças transmissíveis. No mesmo ano, foi criado, no Brasil, o Centro de Investigações Epidemiológicas (CIE) pela Fundação de Serviços Especiais de Saúde Pública (FESP). O CIE adotou medidas para a realização de notificações semanais de doenças e agravos, através das Secretarias Estaduais de Saúde.

Atualmente, as doenças transmissíveis de notificação compulsória são:

1. Acidente de trabalho com exposição a material biológico; e, Acidente de trabalho
2. Acidente por animal peçonhento
3. Acidente por animal potencialmente transmissor da raiva
4. Botulismo
5. Cólera
6. Coqueluche

7. Covid-19
8. Dengue (casos e óbitos)
9. Difteria
10. Doença de Chagas (agudas e crônicas)
11. Doença de Creutzfeldt-Jakob (DCJ)
12. a) Doença Invasiva por "Haemophilus Influenza"
b) Doença Meningocócica e outras meningites
13. Doenças com suspeita de disseminação intencional
 - a) Antraz pneumônico
 - b) Tularemia
 - c) Varíola
14. Doenças febris hemorrágicas emergentes/reemergentes
 - a) Arenavírus
 - b) Ebola
 - c) Marburg
 - d) Lassa
 - e) Febre purpúrica brasileira
15. a) Doença aguda pelo vírus Zika
b) Doença aguda pelo vírus Zika em gestante
c) Óbito com suspeita de doença pelo vírus Zika
d) Síndrome congênita associada à infecção pelo vírus Zika
16. Esquistossomose
17. Evento de Saúde Pública (ESP) que se constitua ameaça à saúde pública
18. Eventos adversos graves ou óbitos pós-vacinação
19. Febre Amarela
20. a) Febre de Chikungunya
b) Febre de Chikungunya em áreas sem transmissão
c) Óbito com suspeita de Febre de Chikungunya
21. Febre do Nilo Ocidental e outras arboviroses de importância em saúde pública
22. Febre Maculosa e outras Riquetisioses
23. Febre Tifoide
24. Hanseníase
25. Hantavirose
26. Hepatites virais

27. HIV/AIDS - Infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana ou Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
28. Infecção pelo HIV em gestante, parturiente ou puérpera e criança exposta ao risco de transmissão vertical do HIV
29. Infecção pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV)
30. Infecção pelo Vírus Linfotrópico de Células T Humanas (HTLV)
31. Infecção pelo HTLV em gestante, parturiente ou puérpera e criança exposta ao risco de transmissão vertical do HTLV
32. Influenza humana produzida por novo subtipo viral
33. Intoxicação Exógena (por substâncias químicas, incluindo agrotóxicos, gases tóxicos e metais pesados)
34. Leishmaniose Tegumentar Americana
35. Leishmaniose Visceral
36. Leptospirose
37. a) Malária na região amazônica
b) Malária região extra-amazônica
38. Monkeypox
39. Óbito: a) infantil b) materno
40. Poliomielite por poliovírus selvagem
41. Peste
42. Raiva humana
43. Síndrome da Rubéola Congênita
44. Doenças Exantemáticas: a) Sarampo b) Rubéola
45. Sífilis:
 - a) Adquirida
 - b) Congênita
 - c) Em gestante
46. Síndrome da Paralisia Flácida Aguda
47. Síndrome Inflamatória Multissistêmica em Adultos (SIM) associada à covid-19
48. Síndrome Inflamatória Multissistêmica Pediátrica (SIM-P) associada à covid-19
49. Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) associada a Coronavírus
 - a) SARSCoV
 - b) MERS-CoV
 - c) SARS-CoV-2

50. Síndrome Gripal suspeita de covid-19
51. Tétano
 - a) Acidental
 - b) Neonatal
52. Toxoplasmose gestacional e congênita
53. Tuberculose
54. Varicela (caso grave internado ou óbito)
55. Violência (doméstica e/ou outras violências e sexual e tentativa de suicídio)

Metodologia

Relato de experiência é um registro científico em formato de artigo escrito a partir das vivências do autor em determinado campo, seu objetivo é descrever a intervenção ocorrida na experiência vivida. Este formato de artigo é produzido de forma clara e objetiva, no entanto, apresenta caráter crítico-reflexivo e carrega embasamento científico. É frequentemente utilizado nas áreas da Educação e Ensino, podendo ser escrito tanto por docentes como discentes, e está presente no ensino, pesquisa e extensão.

Relato da experiência

O desafio de ser a primeira estagiária a atuar no VIGPEH foi recebido com grande entusiasmo por mim, seria uma oportunidade de poder contribuir com os meus conhecimentos da Saúde Coletiva em um setor que ainda estava sendo moldado dentro de um hospital de grande porte.

Na minha primeira semana de estágio, foram realizados dois cursos introdutórios dentro da plataforma digital Moodle do HCPA. Os cursos fazem parte das exigências para iniciar o estágio, e são obrigatórios para todos os estudantes que ingressam no Hospital. O primeiro curso foi concluído rapidamente, ele abordava questões sobre ética, conduta e integridade, já o segundo apresentava de maneira didática orientações em casos de incêndio e outras possíveis emergências. Ambos eram dinâmicos e interativos, o design colorido foi desenvolvido com muita sabedoria, facilitando a compreensão das orientações repassadas.

A minha chegada ao Hospital de Clínicas coincidiu com os primeiros casos confirmados de *Monkeypox* no Rio Grande do Sul e eu pude acompanhar de perto o processo de notificação e o fluxo estabelecido pela gestão no Estado.

Nos primeiros dias de estágio, estudei artigos e documentos oficiais sobre o vírus, a fim de aprofundar os meus conhecimentos e elaborar ações e estratégias de combate, juntamente com a Profa. Mariur. Nossa equipe era composta pela Coordenadora e duas estagiárias. Mais tarde, ingressou mais uma estagiária da Enfermagem, totalizando duas acadêmicas do Curso de Enfermagem e uma da Saúde Coletiva, todas graduandas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. As estagiárias revezavam os turnos e trabalhavam conjuntamente na elaboração e aperfeiçoamento do fluxo de notificações de doenças transmissíveis, visando um processo de notificação mais ágil e eficiente. O objetivo era otimizar o tempo e auxiliar no processo de notificação interno, com o preenchimento de notificações através de um formulário criado no *Google Forms*. Para isso, foi criada uma planilha com a lista completa de todas as doenças transmissíveis de notificação compulsória, usávamos a tabela para nos organizar nas demandas, marcando as doenças que estávamos trabalhando naquele momento, para que não ocorresse a duplicidade de um mesmo questionário para a mesma doença. Quando finalizamos o período de criação dos formulários, foi a hora de revisar todos eles, a fim de conferir possíveis erros. Ficou sob responsabilidade do nosso Programa as notificações dos casos suspeitos de *Monkeypox* (ou *Mpox*) que chegavam no Hospital e recebemos a primeira notificação no dia 21 de setembro de 2022. As notificações chegavam até o nosso setor através do preenchimento do formulário do *Google Forms*. O formulário era preenchido pelo profissional da assistência e, ao final do preenchimento, as respostas eram registradas automaticamente em uma planilha acessada pela equipe. Era através das respostas registradas na planilha que eram feitas as notificações dos casos no sistema REDCap¹. Essa planilha também era compartilhada com outros setores importantes e, posteriormente, poderia ser editada com o desfecho e/ou conclusão do caso suspeito. Após a notificação do caso, era enviado um e-mail ao Setor de Vigilância do município de Porto Alegre e também ao Centro Estadual de Vigilância em Saúde, conforme fluxo estabelecido pela gestão. Nosso objetivo era contribuir com os

¹ Redcap (*Reserach Eletronic Data Capture*) é um sistema eletrônico para gerenciamento de dados de pesquisa.

processos de trabalho da equipe de assistência hospitalar, sempre otimizando o tempo do profissional e agilizando a notificação compulsória.

Embora tenha sido uma experiência de grande aprendizado, enfrentei algumas dificuldades no decorrer do estágio. Acredito que grande parte dos obstáculos enfrentados ocorreram por motivos que acabam se complementando de alguma maneira.

A falta de atividades consolidadas e pré-estabelecidas prejudicou a rotina de execução das tarefas, tornando o campo de estágio limitado e por vezes desconexo com as expectativas das estagiárias.

Houve uma fase de desmotivação proporcionada pelo sentimento de frustração, quando o estágio expôs as fragilidades do Curso na prática da Epidemiologia Clínica no contexto hospitalar, me senti prejudicada pela falta de habilidades técnicas exigidas nesta área. Isto resultou em uma subdivisão de tarefas, onde as estagiárias da Enfermagem acessavam os prontuários dos pacientes buscando informações mais técnicas, pois estariam aptas a fazê-lo, enquanto eu acessava os prontuários para coletar dados gerais. Sinto que algumas trocas de saberes poderiam ter enriquecido ainda mais o meu aprendizado nesta etapa, no entanto, fiquei limitada a atividades menos elaboradas. Mesmo compreendendo o motivo e as diferenças das tarefas designadas para cada uma, creio que a frustração não foi só minha, mas também da nossa supervisora.

Apesar de não ter tido dificuldades com o sistema *RedCap*, foi a primeira vez que tive contato direto com o sistema, e por esse motivo, juntamente com os outros citados anteriormente, é importante destacar a fragilidade da matriz curricular do bacharelado em Saúde Coletiva. Embora tenhamos disciplinas que abordam importantes aspectos da Saúde Pública, compreendo que ainda existe uma lacuna neste sentido, sobretudo para aqueles que desejam atuar na Vigilância Epidemiológica. Ao longo dos anos de graduação, a formação de um sanitarista é majoritariamente teórica, havendo grande escassez de atividades práticas no Bacharelado em Saúde Coletiva. Por se tratar de curso noturno, o aprendizado está condicionado a algumas situações que impedem os alunos de uma maior aproximação com os serviços de saúde. Isto é compreensível, visto que o Curso contempla grande parte de estudantes trabalhadores e que, muitas vezes, possuem uma extensa jornada de trabalho. É necessário debater coletivamente estratégias para reverter esse cenário, considerando a possibilidade de agregar disciplinas como

Epidemiologia Clínica e Patologia Geral, além de maior carga horária voltada para atividades práticas.

Dentre as atividades realizadas no Estágio, o estudo do plano de contingência da *Monkeypox* foi o mais importante. Para o plano, foram realizadas as seguintes ações: elaboração de slides explicativos sobre o fluxo interno de notificação da *Monkeypox*, elaboração da ficha de notificação de doenças e agravos através do *Google Forms*, acompanhamento das notificações e do fluxo de notificação interna da *Monkeypox*, preenchimento de relatório trimestral do HCPA, controle da planilha de acompanhamento dos casos suspeitos de *Monkeypox*, reuniões internas e externas.

Monkeypox

Em julho de 2022, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou emergência de Saúde Pública devido ao cenário epidemiológico da *Monkeypox*. No mesmo mês, o Ministério da Saúde brasileiro ativou o Centro de Operações de Emergência em Saúde Pública.

Monkeypox é uma doença zoonótica viral causada pelo vírus *Monkeypox*, a transmissão entre humanos ocorre no contato direto com as lesões cutâneas, com fluidos corporais ou no contato com objetos contaminados. Um indivíduo infectado pode transmitir a doença desde o início dos sintomas até o momento em que a erupção cutânea se cicatriza. As gestantes podem transmitir o vírus para o feto, e por esse motivo são consideradas grupos de risco, juntamente com pessoas imunossuprimidas e crianças.

Os principais sintomas da *Monkeypox* são: dor de cabeça, dor muscular, calafrio, exaustão, linfadenopatia, e erupções cutâneas do tipo papulovesicular, podendo ocorrer ou não febre. Os sintomas duram cerca de 2 a 4 semanas, enquanto o período de incubação do vírus varia entre 6 e 16 dias. As erupções podem se manifestar em diferentes regiões do corpo, como rosto, tronco, mãos, pés, região genital, região anal e mucosas. Nos casos mais leves ou moderados os sintomas geralmente desaparecem em poucas semanas, no entanto, a doença pode evoluir para quadros graves e óbitos. A forma grave da doença pode estar relacionada a diversos fatores como a forma de transmissão, a suscetibilidade do indivíduo e a quantidade de vírus no momento da transmissão.

O tratamento é realizado através de suporte clínico, que envolve manejo da dor, do prurido, higiene das lesões, e manutenção do balanço hidroeletrólítico. Em

casos mais graves, quando há comprometimento pulmonar, pode ser necessário o uso de oxigênio.

No final de 2022, a OMS anunciou a recomendação para mudança na nomenclatura da doença, que passou a ser chamada somente de *Mpox*, a mudança ocorreu numa tentativa de acabar com estigmas e preconceitos acerca da doença.

Considerações finais

Minha atuação teve como propósito principal a contribuição nos processos de notificação compulsória de doenças transmissíveis, sobretudo nos casos suspeitos de *Monkeypox*. E, apesar de todas as dificuldades enfrentadas nesse período, os obstáculos me proporcionaram novos questionamentos sobre o rumo dos egressos do bacharelado em Saúde Coletiva. Embora não esteja acompanhando as propostas na mudança curricular do Curso, constatei que maior carga horária voltada para a Epidemiologia e também para atividades práticas são uma necessidade urgente no currículo deste profissional.

Carrego um enorme respeito pelas instituições públicas que passaram na minha vida nos últimos anos da graduação, mas com certeza estar inserida em um Hospital de alta complexidade com a grandiosidade do Hospital de Clínicas de Porto Alegre foi um grande divisor. Como tudo que é efêmero na vida, o VIGPEH passou pela minha trajetória acadêmica deixando marcas, e lidar com essas marcas também faz parte de um processo importantíssimo para a construção da minha trajetória enquanto sanitarista.

Foi uma honra ter concluído o meu estágio curricular no eixo de Vigilância, Promoção e Educação em saúde no Programa de Vigilância Epidemiológica do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Apesar das dificuldades, me sinto privilegiada por ter tido a oportunidade de vivenciar essa experiência, e muito feliz de ter me tornado a primeira acadêmica do Curso de Saúde Coletiva a atuar nesse campo de estágio. Torço para que outros estudantes da Saúde Coletiva possam vir a contribuir ainda mais com a consolidação do Programa.

Agradecimentos

Registro os meus agradecimentos à todas as pessoas e instituições que engrandeceram a minha trajetória pessoal e acadêmica ao longo dos últimos anos.

Agradeço à minha supervisora no HCPA, Profa. Mariur Gomes Beghetto, e minha orientadora de estágio, Profa. Dra. Maria Gabriela Curubeto Godoy, por todo o aprendizado obtido na minha passagem pelo Hospital de Clínicas de Porto Alegre.

Agradeço imensamente à minha mãe, mulher forte e inspiradora, que sempre me apoiou incondicionalmente. À Maria Salete e Luzia Bauer, minhas avós maravilhosas, que são parte de quem eu sou, e à todas as mulheres da minha família que nunca tiveram oportunidade de estudar.

À minha orientadora, Profa Dra. Cristianne Famer Rocha, por me conduzir com afeto e maestria neste processo, e também pelas palavras de apoio ao longo do meu primeiro estágio na Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre.

À minha primeira supervisora de estágio, Adriane Cabrera, com quem tive o prazer de trabalhar por dois anos, por ser uma profissional exemplar.

A todos os colegas e amigos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por estarem comigo nos momentos felizes e difíceis da graduação.

À Ouvidoria da Secretaria Municipal de Saúde, pela experiência inesquecível e encantadora.

A todos os usuários do SUS, que compartilharam comigo suas histórias, seus sorrisos e suas dores. Vocês me fizeram Sanitarista!

Referências

ALBUQUERQUE, Maria Ilk Nunes de; CARVALHO, Eduardo M. Freese de; LIMA, Luci Praciano. Vigilância epidemiológica: conceitos e institucionalização. Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil, Recife, v. 2, n. 1, p. 7-14, jan./abr. 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. Guia de Vigilância Epidemiológica. Brasília: Ministério da Saúde: Secretaria de Vigilância Epidemiológica, 2005.

BRASIL. Ministério da Saúde. Plano de Fortalecimento e Ampliação da Rede Nacional de Vigilância Epidemiológica Hospitalar – Renaveh. Brasília: Ministério da Saúde: Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Saúde Ambiental, do Trabalhador e Vigilância das Emergências em Saúde Pública, 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Técnico de Vigilância em Saúde: vigilância epidemiológica. Brasília: Ministério da Saúde, 2023. Disponível em: <<https://www.saude.gov.br/documento.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Lista nacional de notificação compulsória de doenças, agravos e eventos de saúde pública. Brasília: Ministério da Saúde, 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/svsa/notificacao-compulsoria/lista-nacional-de-notificacao-compulsoria-de-doencas-agravos-e-eventos-de-saude-publica>>. Acesso em: 10 out. 2024.

LIMA, Lidiane Moreira; PASSOS, Lívia Borges; ROCHA, Priscilla Melo. Educação científica e educação inclusiva: aproximações possíveis. *Práxis Educacional*, v. 19, n. 49, p. 376-394, 2023. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010/6134>>. Acesso em: 05 nov. 2024.

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE. Apresentação institucional: características. Disponível em: <<https://www.hcpa.edu.br/institucional/institucional-apresentacao/institucional-apresentacao-caracteristicas>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE. Apresentação institucional: prêmios e destaques. Disponível em: <<https://www.hcpa.edu.br/institucional/institucional-apresentacao/institucional-premios-e-destaques>>. Acesso em: 21 jul. 2024.

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE. Apresentação institucional: principais números. Disponível em: <<https://www.hcpa.edu.br/institucional/institucional-apresentacao/institucional-apresentacao-principais-numeros>>. Acesso em: 21 jul. 2024.